



Narrativas modernas

Narrativas já faziam parte do mundo ainda quando poucos povos conheciam a escrita. Histórias vêm sendo contadas antes mesmo do homem dominar o fogo para queimar uma lenha e sentar em volta. Não está escrito em lugar nenhum, mas tenho certeza que a mentira nasceu assim — até porque a serpente que ofereceu maçã à Eva pode ser tihosa, mas não fala.

A primeira narrativa registrada também não tinha muito de verdade. A *Epopéia de Gilgamesh* foi escrita em pedaços de argila, 2.100 antes de Cristo, pelos sumérios, na Mesopotâmia. Histórias até mais antigas só foram registradas bem depois, baseadas em relatos orais que foram sendo esticados, transformados em versos e decantados.

A história de Noé, por exemplo, teria ocorrido 300 anos antes da saga do rei sumério que procurada a imortalidade, mas só foi registrado no *Gênesis*, da *Bíblia*, cerca de mil anos depois. A *Odisseia*, de Ulisses, foi escrita oito séculos A.C., mas relata fatos — ou lendas — de tempos imemoriais, quando o mundo ainda era habitado pelo Ciclope Polifemo, a feiticeira Circe, a ninfa Calipso e o monstro Quimera.

E foi assim, contando contos e aumentando um montão de pontos, que a humanidade encontrou o que talvez seja a sua maior diferença entre todo o reino animal: a fofoca, também conhecida como fuxico, mexerico, futrica. As modernas narrativas são fruto dessa ancestral mania de inventar histórias, mas a novidade é que agora querem abolir o expediente da ficção. Os latinos usavam a palavra *fictio* para definir o ato de moldar, criar. Nas artes, são os produtos da imaginação.

Uma coisa é inventar histórias para salvar a vida, como fez Sherazade ao criar uma narrativa sem fim e cheia de suspense para escapar da crueldade do rei Xariar; também há quem ganhe a vida com o expediente, como o brasileiro Ryoki Inoue, que escreveu exatos 999 livros de



bolso — espionagem e faroeste, principalmente — às vezes mais de um por dia.

Bem diferente é criar situações por pura maldade, para humilhar pessoas e até levá-las ao suicídio. Quem já passou pelo perrengue de ser acusado do que não fez sabe o tamanho da revolta e do buraco negro que se forma em volta.

A ética da política, que é tudo menos ética, permite alguns arroubos. Por isso tantas reaproximações depois de rompimentos brutais. Eu aprendi com o cartunista Henfil que, no irreverente jornal *O Pasquim*, mantinha seu cemitério de mortos-vivos, onde enterrava desafetos. Assim, não desejo mal a ninguém, porque uma lápide nos separa.

Políticos — e o circo em torno — podem inventar histórias, criar conspirações, divulgar inverossimilhanças, que está tudo bem, pois fazem tudo com um único objetivo: nos iludir. Entre eles, se entendem. Mentira rende votos desde que os gregos inventaram a democracia.

A novidade é ver jornalistas embarcando nas fantasias. A maior qualidade de um periodista sempre foi o ceticismo; dito assim, soa algo canalha, mas é que quem lida com notícias e suas fontes tem como obrigação duvidar e não repassar suas dúvidas ao leitor.

Não surpreende que hoje cada um crie sua própria narrativa. O fuxico venceu.